

“Quem não levar Collor a sério estará brincando”, adverte Simon

por Waldoar Teixeira
de Porto Alegre

O governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, disse em Porto Alegre que o candidato do Partido de Renovação Nacional (PRN), Fernando Collor de Mello, é um adversário importante na atual campanha presidencial, e “quem não levá-lo a sério estará brincando.”

Sua opinião é de que Collor representa a revolta do povo brasileiro, que está cansado e desiludido com tudo o que é convencional — “O Simon, o Sarney, os partidos políticos, a CUT, as greves, a Igreja, as novelas da Globo” — e aqueles que pensam destruí-lo partindo para os ataques pessoais vão fracassar.

Simon afirmou que a assessoria de Collor de Mello “é muito competente” e citou como exemplo a sua programação de viagens ao exterior. “Ele está indo à Espanha colher subsídios sobre o Pacto de Moncloa, à Inglaterra, para conhecer o projeto de privatização da primeira ministra Margaret Thatcher, à Itália, porque sabe que os italianos têm US\$ 5 bilhões para investir no Brasil.”

Diante do quadro geral de decepção da sociedade brasileira, o governador gaúcho diz que a campanha eleitoral do PMDB deve ser balizada por uma visão de futuro, apresentar um programa bem definido de re-



Pedro Simon

cuperação da economia e de desenvolvimento nacional. E mostrar que, se existe um candidato experiente e com perfil de estadista, ele se chama Ulysses Guimarães.

“Não estamos inventando nada, Ulysses é um estadista e bastará chamar a atenção da sociedade para este fato e conscientizá-la de que neste momento de crise o novo para a Nação é o velho”, repetiu Simon, buscando exemplo na história universal.

“Quando a França estava quase derrotada na guerra de independência da Argélia, teve de recorrer ao velho Charles de Gaulle. O mesmo aconteceu com Winston Churchill na Inglaterra. A Alemanha destruída pela Segunda Guer-

ra Mundial socorreu-se em Konrad Adenauer.”

Ele sustenta, porém, que o PMDB em sua campanha eleitoral não deve atacar o governo Sarney, porque isso só contribuiria para desestabilizar o País e poderia até comprometer a realização das eleições. “O PMDB não bate forte no governo porque isso arreben-

taria este País. Se um partido do porte do PMDB desancar sobre esse governo, não sei quantos meses ele duraria”, disse o governador. “Não podemos fazer o que Carlos Lacerda fez com Getúlio Vargas, em 1954, ou o que o mesmo Lacerda e Leonel Brizola fizeram com João Goulart em 64.”